

Obras de José Marinho

Volume VI

**Teixeira de Pascoais,  
Poeta das Origens  
e da Saudade**  
e outros textos

Edição de Jorge Croce Rivera



*Título:* Teixeira de Pascoais, Poeta das Origens  
e da Saudade e outros textos

*Autor:* José Marinho

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Janeiro de 2005

*ISBN:* 972-27-1376-0

*Depósito legal:* 106 862/97

## APRESENTAÇÃO

*“Para tornar clara a convicção de toda a radical importância do diálogo entre filosofia e poesia trabalharam e trabalham em Portugal as pessoas cuja vida é: não pensar às vezes, mas sempre. Os literatos, clássicos ou modernos, sempre supuseram, sem pensá-lo, estar nas suas mãos todo o segredo da poesia. Temos assim nova forma da comédia de enganos entre poeta e filósofo. Diferentes são os deveres do criador e do crítico, do poeta e do filósofo. O primeiro, em matéria de poesia, tem de criá-la, ou, como preferível dizer, manifestá-la. Ao segundo cabe compreendê-la. Para aquilo há um preço a pagar, para isto, outro. Ambos iniludíveis.”*

À MEMÓRIA  
DE  
ALBERTO FERREIRA

*Um texto meditativo, redigido por ocasião do falecimento de Teixeira de Pascoais, em Dezembro de 1952, entreabre a intensidade da relação que José Marinho manteve com o Poeta:*

“Agora que, depois da morte de Leonardo Coimbra, morre também Pascoais, e ninguém resta para falar do que mais importa, ficando em cena apenas os que confundem filosofia com ciência ou cultura, e a que da poesia retêm afinal a expressão humana, angustiada ou desesperada, confiante ou esperançosa, temos nós de fazer das fraquezas forças. Para mim, receoso sempre de agir no plano do espírito, e fingindo falar na maneira comum dos nossos assuntos – eu que em certo sentido desdenho tudo quanto é comum e quanto é geral, eu que só amo o singular e único – tenho de assumir a plena responsabilidade, o que faço cheio de temor, pois decerto não é uma brincadeira. Pensar plenamente resulta coisa não apenas humana; é ousar entrar na divina seriedade e num divino jogo. Ora, as brincadeiras dos deuses são tão terríveis como a mesma sua serenidade. Nem a terrível guerra, nem o ódio, nem a loucura, nem a morte, são bastante lúdicas ou sérias para se lhes comparar.”<sup>1</sup>

*Foi a íntima concepção da sua situação intelectual por referência aos que denominava de “Mestre” e de “Poeta” que levou Marinho, postergando sucessivamente a exposição pública da sua própria meditação, a empenhar-se na hermenêutica das obras quer de Leonardo quer de Pascoais. Concluída, com a publicação de O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra, em 1946, a fase intensa de interpretação da obra do “Mestre”, dispôs-se Marinho a interpretar a poética de Pascoais, projectando uma obra que lhe permitisse completar e aprofundar a dissertação com que tinha concluído, em 1925, a licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras do Porto, denominada “Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoais”.*

*O projecto de livro sobre Pascoais terá sido esboçado ainda antes da conclusão da obra sobre Leonardo Coimbra, como alguns manuscritos o sugerem, mas foram os estudos dedicados a Guerra Junqueiro e Sampaio Bruno, redigidos de 1946 a 1950, que tornaram mais premente o propósito de retomar o livro sobre Pascoais, mas somente naquele último ano Marinho parece ter-se empenhado decisivamente na sua redacção.*

*Decerto que este projecto se cruzaria com outros – com “Nova Interpretação do Sebastianismo”, que Marinho se desesperava em concluir; com “Condição e Destino do Homem”, que retomaria e desenvolveria as “Lições aos Médicos”; com “Misticismo e Lógica no Pensamento Português Moderno”, uma primeira tentativa de hermenêutica do pensamento português e cujos textos se entretecessem em muitos manuscritos com páginas dedicadas a Pascoais; e, sobretudo, com a “Teoria do Ser e da Verdade”, no qual intentaria explicar o cerne da sua especulação teórica<sup>2</sup>.*

*A par destes projectos, Marinho estava empenhado num conjunto de actividades que provavelmente o dispersaria: a colaboração na página literária de O Primeiro de Janeiro, mas também conferências, debates e lições no “Jardim Universitário das Belas Artes”, no “Centro de Estudos*

<sup>1</sup> *Aforismos sobre o que mais importa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, pag. 120-121.

<sup>2</sup> Uma lista não datada, mas provavelmente escrita em 1950, indica claramente o conjunto desses projectos, em particular a intenção de preparar o surgimento de *Aforismos*:

Aforismos sobre o que mais importa  
Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade  
Condição e destino do Homem  
Nova interpretação do Sebastianismo  
Teixeira de Pascoais e o sentido da Saudade  
Misticismo e Lógica no pensamento português moderno

Europeus” e na “Casa do Distrito do Porto”, ou intervenções políticas, como aquelas por ocasião da campanha presidencial de 1949. Vivendo a maior parte do ano, à excepção das férias escolares, em Lisboa, Marinho tinha encontrado modos de convivência intelectual muito viva. Reconciliando-se brevemente com António Sérgio, mantendo relações muito cordiais com diversos pensadores monárquicos, prosseguindo os encontros informais com outros pensadores, médicos literatos, estetas e estudantes universitários, à sua volta se reuniam diversas tertúlias de animada discussão e debate, fosse em cafés da baixa lisboeta e da portuense, fosse em passeios aos arredores, Palmela ou mesmo Santarém.

Difícil todavia se revelou a realização do livro sobre o “Poeta”, como Marinho se adverte – “Pascoais é um ser terrível e a sua poesia uma coisa imensa e prestigiosa, tornou-se-me fonte de tormento. Quando penso nas dificuldades extraordinárias a vencer para dar dela uma ideia digna, interpretar qualquer outro poeta de Portugal torna-se uma brincadeira” –, pelo que a redacção se tornou cada vez mais confusa, acumulando-se apontamentos, textos interpretativos e comentários de leitura, sem que alguma vez tenha surgido um élan que permitisse integrar as complexas sugestões hermenêuticas que Marinho foi explorando.

As dificuldades aparecem desde logo no estabelecimento de um esquema de desenvolvimento, mas também na definição de um título: “Teixeira de Pascoais e a poesia do etéreo”, “Teixeira de Pascoais e o sentido da Saudade” ou “Teixeira de Pascoais e sentido da sua Poesia” foram algumas das enunciações sem que ficasse decidida a sua formulação definitiva.

Ao contrário de uma exposição sistemática e articulada, a visão de Pascoais que Marinho procurava apresentar parecia exprimir-se melhor em textos mais curtos e densos, em artigos ou naqueles escritos que redigiu para se preparar para as conferências, debates e sessões de homenagem a Pascoais, que, a partir de 1948, se foram sucedendo. Foi destes textos que foi possível encontrar a denominação para este volume, elegendo uma atribuição repetidamente sugerida por Marinho, “Teixeira de Pascoais Poeta das Origens e da Saudade”.

De que modo as dificuldades surgidas na redacção da obra sobre Pascoais lhe permitiram assumir “a plena responsabilidade”, mencionado no trecho acima transcrito? Se textos agora reunidos reflectem os caminhos meditativos até ao momento crítico acima evocado – “agora que, depois da morte de Leonardo, morre também Pascoais (...)” –, é certo que a morte do Poeta implicou, senão uma desistência, um adiamento do projecto, ou, talvez mais rigorosamente, uma intrínseca transformação, pois o conjunto das leituras de Pascoais revelam-se de grande importância para a compreensão da concepção da “Teoria do Ser e da Verdade”.

Prosseguindo a apresentação cronologicamente sequencial das obras de Marinho, o presente volume propõe-se organizar esse projecto de obra sobre Teixeira de Pascoais, acompanhando-o de outros textos – lições, artigos, conferências, recensões e prefácios –, que dão conta da densidade e complexidade de preocupações do filósofo num período genericamente enquadrado, por um lado, pelas intervenções políticas de 1949, que fechavam o volume anterior, e por outro, pelo falecimento de Pascoais, a 14 de Dezembro de 1952. Estes textos ilustram a intimidade espiritual que o filósofo estabeleceu com o “Poeta” naquele “fingimento” acima referido de falar de “maneira comum” nos “nossos assuntos”, no intento de salvaguardar a filosofia da sua confusão com ciência e cultura e a poesia com “a expressão humana, angustiada ou desesperada, confiante ou esperançosa”.

## “Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoais”

*Abre naturalmente o volume o largo conjunto de textos dedicados a Teixeira de Pascoais, dividido em três secções, a primeira reproduzindo a obra juvenil “Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoais”, a segunda, o material destinado ao projecto malogrado de livro sobre o Poeta, e a terceira, os artigos, lições, conferências e textos redigidos por ocasião do falecimento de Pascoais, redigidos provavelmente entre 1948 e 1952.*

*Quando, cerca de 1950, Marinho retomou o projecto de uma obra dedicada ao pensamento poético de Teixeira de Pascoais, necessariamente a sua reflexão se voltou para a obra juvenil, redigida há mais de vinte anos, com que tinha concluído a licenciatura na Faculdade de Letras do Porto<sup>3</sup>. Cõscio das limitações da obra escolar, num dos textos para o prefácio da nova obra escreve:*

“Este livro foi lentamente concebido como um fruto que tarda em sazonar. O seu núcleo primitivo foi a dissertação de licenciatura que apresentei à Faculdade de Letras do Porto. Sofreu, no entanto, a ideia tão profunda elaboração, que a comunidade é quase apenas a do intento e de alguns trechos essenciais já então referidos, conquanto mediocrementemente comentados.

Felicito-me de não ter feito uma obra prima nesses já remotos anos juvenis e felicito-me também de os meus Mestres da Faculdade não mo terem exigido. Creio que o meio universitário sofre muito de ser formalmente exigente. Disto provêm obras bem construídas e muito prometedoras dos vinte e dois anos devidas a um certo número de pessoas que mais tarde disputam entre si as cotas mais baixas da ignara suficiência doutoral.

Há, com efeito, uma única coisa que faz perdoar aos homens serem jovens: é o génio. Sem ele, só a longa reflexão e a prática diurna e nocturna dos livros e do papel podem alcançar algo estável. Não ensinemos a juventude a pensar bem e a bem construir. Ensinemola, pelo contrário, a pensar como lhe é possível, com os inevitáveis erros e tateamentos, a construir como pode. Todo o autêntico ensino deve consistir em mostrar que o caminho da verdade é longo e difícil e que a imensa maioria dos que o trilharam tombam inevitavelmente vencidos; com isso, poder fazer amar a verdade e tanto mais quanto mais se sintam distante, difícil e inacessível.”<sup>4</sup>

*De facto, na sua passagem pela Faculdade de Letras do Porto, onde tinha entrado em 1920, com apenas dezasseis anos, para frequentar o curso de Filologia Românica, Marinho cedo se destacou pela cultura, acuidade de reflexão e eloquência oratória. Activo participante na vida académica, Marinho frequentava assiduamente as tertúlias literárias que os docentes da Faculdade – Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Luís Cardim – animavam, integrando-se no ambiente da renovação cultural em torno da «Renascença Portuguesa».*

*Condiscípulo de Sant’Anna Dionísio, Adolfo Casais Monteiro, António Salgado Júnior, Agostinho da Silva e Álvaro Ribeiro, o contacto com Leonardo Coimbra despertou-lhe a vocação filosófica nas tendências então orientadas para a poesia e literatura em geral, levando-o a cursar em simultâneo as disciplinas do curso de Filologia Românica e de Filosofia. Responsável pelas revistas dos alunos da Faculdade de Letras, O Garrocha e A Nossa Revista, aí publica pequenos contos e alguns poemas (no número de homenagem a Leonardo Coimbra) e assume, perante condiscípulos, uma natural ascendência, como se reconhece na carta que dirige a Álvaro Ribeiro, que lhe propõe a criação de uma “Sociedade Antheriana”:*

“Tõdos nós começamos por ser o que Antero foi toda a vida. É claro que êle foi bem aquilo, nós somo-lo imperfeitamente. Ele foi um poeta-filósofo, nós somos filósofos um pouco poéticos. Compreendo já

<sup>3</sup> Licenciou-se em Filologia Românica a 17 de Dezembro de 1925, com a média de 15 valores.

<sup>4</sup> Neste volume, *infra*, pag. 215.

hoje razoavelmente o Anthero, sem dúvida muito melhor que o Leonardo. Julgo que assim acontecerá consigo e com os outros. Não seria oportuna portanto na nossa actual situação de pensamento a fundação da Sociedade? Iniciar-nos-ia no Anthero. Comprenderíamos o seu pensamento filosófico e a sua situação na poesia portuguesa. Há o pensamento de Camões a revelar, há o de Agostinho da Cruz... Só êsses dois temos que medir uma vida inteira. Depois o próprio conhecimento da figura de Anthero: o seu pensamento moral metafísico e estético. Marcar no Anthero a passagem para o lirismo e o seu processo, o modo como se dá. Depois a passagem para o Leonardo. O nosso objectivo dentro da sociedade seria puramente a figura de Anthero? Nêsse caso tudo isso viria como acessório para marcar as relações e a situação do seu espírito e o valor que no pensamento português teve e sobretudo poderá ter a sua obra e a sua vida. Estudar um pensamento ou uma vida? Mas qual pensamento ou vida se não exprimem em relação? Estudar o Anthero é estudar tudo porque Anthero está fechando uma época e abrindo outra. Até agora tivemos os Poetas agora temos os Filósofos. Anthero significa que será pelo pensamento que voltaremos à Vida que perdemos e ganhamos em Camões. Em Camões se acaba a nossa vida terrena e começa a nossa imortalidade. Agostinho da Cruz é o lusíada que se isola e volta para Deus. Em Anthero como em Pascoais o lirismo está pejado de pensamento. Mas nenhum deles, nem Herculano, nem João de Deus, nem Junqueiro, são dos novos. Em tôdos êles paira ainda o génio primeiro. São a sombra de Camões. Julgo que os novos somos nós. Julgo que o que há de novo está em nós. A dúvida terminou e eis porque somos religiosos. Temos fé na vida porque acreditamos na sua harmonia. Como na Grécia a Filosofia vai erguer-se e o lirismo vai morrer. São duas coisas grandes demais para [[um povo só]] <viverem juntas>.<sup>5</sup>

*Mas neste intento de assunção geracional, os próximos interlocutores são, não Antero de Quental, mas Raul Brandão, Teixeira de Pascoais e sobretudo Leonardo Coimbra:*

“Sim, meu querido Filósofo, eu dou-me com entusiasmo a essa bela ideia da fundação da Sociedade Antheriana. Ela será, julgo-a, a introdução a um período fecundo. Ela será a continuação daquela bela obra que na Renascença teve vida e morte. Houve na Renascença alguém que predisse um belo período a iniciar com o seu aparecimento. Sim, foi ela que o iniciou porque está lá o Leonardo ao lado dêle Pascoais e Raul Brandão. Pascoais é a Natureza e Raul Brandão o Homem. Aqui como em Camões Há a consciência do que somos. Pascoais vem do Camões lírico, Raul Brandão do Camões trágico. Estes dois homens nascem ao lado do Leonardo para que êle os medite e antes de nós para que nós os meditemos. Nada pode a nossa Razão sem estas duas coisas: a Natureza e o Homem. Em Pascoais ser, em Raul Brandão ser homem. Antes de [[Cam.]] Raul Brandão Camilo, Fialho, Eça, Herculano e Bernardim. Antes de Pascoais, Camões, Bernardim, Agostinho da Cruz, João de Deus e Junqueiro que é talvez mais <de> Raul Brandão <do que> Pascoais. Anthero é um ramo novo. É a Razão decidida e confiada que se ergue e interroga. Anthero porque não é nenhum dêles e hesita; a dúvida de Anthero vem da duplicidade do seu pensamento; mas o que há já nêle de certo é a opção pela Razão. Em Anthero há a dúvida mas levantou-se a Razão a encarnar essa dúvida. O aparecimento desta Razão que duvida e interroga duvidando é o fenómeno de que depende tôda a nossa Vida. Eis porque eu acho bela a ideia da Sociedade Antheriana que V. e os seus colegas tiveram; a acho bela e necessária; e mais do que necessária urgente. [[Acentuar]] Mostrar o que é aquela Natureza e aquêlê Homem e a par disso aquela Razão que se eleva, mostrar o início do caminho da Razão com Leonardo, mas mostrá-lo duma forma perfeita. Que extraordinária cousa [[.]], um povo predestinado viver inconsciente e tomar consciência de si mesmo! Só o apontar isto não será empresa sedutora? Apontar isto e seguir vendo o fruto do nosso esforço!”<sup>6</sup>

*Concebendo, muito provavelmente por sugestão de Leonardo Coimbra, o que constituía o primeiro estudo de âmbito universitário sobre o Poeta, deu-lhe o nome, em que ressoa o prestígio contemporâneo de António Sérgio, de “Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoais”. Centrado na relação de “O Sentimento da Natureza e a Intuição”, o estudo desenvolve-se pela sucessiva análise das obras de poesia até então publicadas – “Jesus e Pan”, “Para a Luz”, “Vida Etérea”, “As Sombras”, “Maranos” e “Retorno ao Paraíso”. Os dois últimos capítulos, “A Dialéctica de Pascoais” e “Signi-*

<sup>5</sup> Jorge Croce Rivera, *A Meditação do Tempo no Pensamento de José Marinho*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 1989, volume do apêndice documental *Correspondência [COR]*, Carta de José Marinho a Álvaro Ribeiro de 24 de Junho de 1924, pag. 2-51. Sobre as convenções de transcrição, veja-se *infra* nesta “Apresentação”, pag. 38.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

*ficado e valor da obra de Teixeira de Pascoais”, procuram uma visão integrativa que dê o alcance da obra de Pascoais.*

*Apesar de escolar e de algum modo modesta, a dissertação, não se alargando às considerações expostas na carta a Álvaro Ribeiro acima transcrita, que retomou e desenvolveu nos “Cadernos de reflexões sobre a Cultura e a Vida” que de 1924 a 32 foi redigindo, não deixa de interpretar a poética de Pascoais a partir do que denomina de “Teoria do Ser”, cujas características e contradições procura estabelecer.*

*Nos anos subsequentes à conclusão da licenciatura, Marinho concebeu a possibilidade de desenvolver e melhorar o ensaio, preparando-o para uma possível publicação. Envolvido, com José Régio, Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões, na revista Presença, é no projecto de intervenção crítica que concebe um conjunto de estudos sobre a cultura portuguesa:*

“Outro assunto. Diz-me que está trabalhando no seu estudo sobre Eça e que espera trazê-lo pronto. Venha êle! A intenção de Gaspar Simões parece-me optima, oportuníssima. Uma série de estudos sérios, reflectidos, penetrantes sobre os nossos escritores esta será a pedra de toque da agremiação ou movimento artístico que pretenda tomar para si o papel de direcção e orientação. Não foi já o papel que eu há muito quiz desempenhasse a Renascença? Entramos numa frase de compreensão e de juízo. O modernismo não será em Portugal mais do que um motivo de obras de valor médio (como o romantismo, naturalismo, realismo, simbolismo e saudosismo) se não trouxe no seio uma crítica e uma filosofia, purgadas já dos defeitos lírico-retórico-eruditos dos tradicionais. E eu julgo que vós outros, os modernistas, ainda não tendes disto uma muito clara consciência. Mas haveis de chegar a ela, sob pena de comprometerdes uma vez ainda as possibilidades que agora se estão a oferecer-nos de tirar o pensamento e a literatura portuguesa deste pòço que é a nossa vida de espírito, pòço em que eu às vezes me sinto asfixiar, eu e tudo aquilo que o destino quiz trouxesse no meu ser à mesquinha e pobre terra em que nasci. Falarei, pois, de mim já que voçê se mete comigo. Estou agora resolvido a escrever qualquer coisa para a “Presença”. É um velho artigo [[que]] desenvolvendo um tema muito velho em mim sobre a revolução a operar na literatura portuguesa e na mentalidade portuguesa. É uma coisa curiosa constatar como desde há cinco ou seis anos já [[se me apresentavam as natur.]] cheguei a compreender o que é a nossa literatura e o que há de ser. Quero também escrever qualquer coisa sobre o Pascoais, o qual o nosso querido poeta de Deus e do Diabo lá percebeu, não sem razão, que eu seria capaz de razoavelmente revelar às gentes que leem a Presença. Também penso noutras coisas sobre questões várias para a “Águia”. Toda a questão está em começar, em poder começar. Ao contrário do que esperava ainda não consegui ordenar as minhas reflexões. Isso sim! Só consegui aumentá-las em mais 100 páginas, êstes dois meses. E deixe-me dizer-lhe: ponho-me por vezes a pensar em não publicar aquilo por enquanto. Pois ali está o melhor do meu espírito, não tôdas, mas algumas das melhores ideias e concepções a que me será dado chegar neste mundo. Será legítimo publicá-las aos vinte e cinco anos quando ainda o meu espírito não lhes pode dar o desenvolvimento e a expressão mais perfeitas? Não será comprometer loucamente aquilo que eu tenho de melhor, a minha suprema razão de existir? Eis o que me leva por vezes a pensar em deixar as “Reflexões” para mais tarde e deitar-me agora a ensaios de crítica sobre assuntos vários e a estudar o pensamento português e sobretudo o de Leonardo sobre o qual desejaria fazer um estudo sério. Esta é uma das cousas que pretendo fazer, como sabe: é uma dívida de gratidão sagrada que contraí. É, além disso, um acto de justiça. E eu que duvido de valor da justiça dos homens não posso, contudo, deixar de esforçar-me por ser justo. É esta a minha crítica do Chestov: nós só podemos conhecer o valor duma actividade humana depois de a termos exercido; só nos é legítimo aspirar ao que transcende o humano quando essa aspiração não é literatura nem devaneio.<sup>7</sup>”

*Disposto a fazer um ensaio para a Presença, cerca de 1930, Pascoais está igualmente presente em “O Equívoco Chestoviano”:*

“Quando Hamlet nos revela o seu drama e se põe a sua grande questão (que é a grande questão do trágico) não a resolve. Não a resolve explicitamente em ideias ou juízos, nem a sua vida ulterior nos mostra que a resolvesse. Não menos elucidativa é a posição goethiana. No Fausto há o mesmo indeterminado e indeciso. Essa obra apresenta através de vários tipos de humanidade e de transmanidade a impotência de pôr de acôrdo o que concebemos e desejamos com o que somos. O não-ser aparece ali como expressão externa e imperfeita desta dualidade constante, se bem que aparente da vida do homem. Mefistófeles mesmo, não é o não ser para Goethe, como para nenhum trágico ou pensador profundo, mas símbolo de tôdas as possibilidades de ser que não logramos actualizar em nós: sabedoria para o ignaro, ignorância para

## **Índice Geral**

## Ensaio sobre a obra de Teixeira de Pascoais

O Sentimento da Natureza e a Intuição .....	47
Jesus e Pan .....	71
Para a Luz .....	79
Vida Etérea .....	95
As Sombras .....	111
Maranos .....	137
Regresso ao Paraíso .....	163
A Dialéctica de Pascoais .....	187
Significado e valor da obra de Teixeira de Pascoais .....	193

## Projecto de Livro sobre Teixeira de Pascoais

Teixeira de Pascoais e o sentido da sua Poesia .....	199
Sobre as relações da filosofia e da poesia .....	200
Das relações entre poesia e filosofia .....	202
Sobre as tendências perante a poesia .....	204
Sobre a poesia .....	206
Poesia filosófica e filosofia poética .....	209
Sobre o alto valor da poesia .....	211
Para o prefácio I .....	212
Sobre os objectivos da obra .....	214
Para o prefácio II .....	215
Fragmentos de textos para o prefácio .....	218
Teixeira de Pascoais .....	221
Da relação entre o poeta e o filósofo em Pascoais .....	223
Comentário e exegese .....	230
Sobre a dignidade da imagem .....	231
Apontamentos sobre <i>Bailado</i> e a relação entre poesia e filosofia em Pascoais .....	233
Sobre a Origem como problema .....	235
Sobre a relação do originado com a Origem .....	240
Três sentidos de origem e as dificuldades do estudo de Pascoais .....	241
Sobre a dificuldade da poesia de Pascoais – I .....	242
Sobre a dificuldade da poesia de Pascoais – II .....	243
Sobre a dificuldade da poesia de Pascoais – III .....	245
Sobre a dificuldade da poesia de Pascoais – IV .....	248
Sobre a dificuldade da poesia de Pascoais – V .....	249
Genealogia .....	251
Junqueiro e Pascoais .....	256
Teixeira de Pascoais e a <i>Renascença Portuguesa</i> .....	258
Teixeira de Pascoais e a poesia simbolista .....	260
Terra Proibida .....	262
Descida aos infernos .....	265
Verbo Escuro .....	266
Meditação da Morte .....	268
Meditação da Morte .....	271
Sobre o sentido do indeciso .....	272
Sobre <i>Maranos</i> .....	274
Prevalência da matéria sobre a forma .....	275
Presença Divina .....	280
Iniciação pela Morte .....	283
Elegia do Amor .....	285
Conclusão .....	288
Caderno de Apontamentos – I .....	289
Caderno de Apontamentos – II .....	292
Caderno de Apontamentos – III .....	302
Caderno de Apontamentos – IV .....	311
Caderno de Apontamentos – V .....	312
Caderno de Apontamentos – VI .....	314
Caderno de Apontamentos – VII .....	319
Caderno de Apontamentos – VIII .....	330
Caderno de Apontamentos – IX .....	331

Caderno de Apontamentos – X .....	332
Caderno de Apontamentos – XI .....	340
Caderno de Apontamentos – XII .....	346
Anotações – I .....	357
Anotações – II .....	359
Anotações – III .....	361

### **Artigos e outros textos sobre Teixeira de Pascoais**

Teixeira de Pascoais e a Saudade .....	365
Teixeira de Pascoais e a Renascença .....	369
Teixeira de Pascoais e a Renascença .....	371
Sobre Teixeira de Pascoais e a Renascença Portuguesa .....	374
Sobre o <i>Regresso ao Paraíso</i> .....	375
Conferência no Jardim Universitário das Belas Artes .....	378
Teixeira de Pascoais .....	381
O segredo de Pascoais .....	383
As origens .....	386
Comentário de poema .....	388
Terra Proibida .....	390
Fim de “Encarnação e as Formas” .....	392
Sobre a conferência de Pascoais sobre a Saudade .....	393
Louvor ao Poeta .....	397
Pascoais é um ser terrível .....	398
Para a homenagem a Teixeira de Pascoais .....	400
Saudade e regresso .....	403
Na morte de Teixeira de Pascoais .....	405
Versão dactiloescrita .....	407

### **Emoção e Verdade**

Esquema .....	411
Emoção e Verdade – I .....	413
Emoção e Verdade – II .....	415
Emoção e Verdade – III .....	419
Segunda parte .....	224
Segunda comunicação .....	430
Apontamentos – I .....	434
Apontamentos – II .....	438

### **Relação da Filosofia e da Teologia no Pensamento Português Moderno**

Relação da Filosofia e da Teologia no Pensamento Português Moderno .....	443
Relação da Filosofia e da Teologia no Pensamento Português Moderno – versão manuscrita .....	448
Dos equívocos na relação do saber sagrado e profano .....	451

### **Artigos publicados e inéditos**

Sobre a utopia reformista .....	461
Aforismos .....	464
Sobre Amorim Viana .....	469
Sobre a urgência de virar de rumo .....	476
Sobre a situação espiritual de Portugal e as falácias do modernismo .....	480
Luís António Verney e o reformismo cultural .....	484
Esclarecendo conceitos .....	491
Necessidade do Teórico .....	493
O Problema Crucial .....	494
Sobre Guerra Junqueiro .....	496
O desconforme Junqueiro .....	499
Sobre “O Caprichismo Romântico de Guerra Junqueiro” .....	503
Situação do homem .....	504
Da Intuição .....	507
Da Imaginação .....	509
Da Crítica .....	511

Juízo e filosofia .....	513
Portugal, país mais tradicionalista e porquê? .....	518
Da crença na evolução .....	519
Evolucionismo e criacionismo .....	522
Do Sentido Lógico .....	525
Do subjectivismo radical .....	527
Do subjectivismo radical .....	530
Sobre António Sardinha .....	534
Da Educação e dos Homens .....	537
Pedagogia da interrogação .....	539
Sobre a Responsabilidade Sofismada .....	541
Subjectividade e objectividade .....	543
Valores em crise .....	544
A técnica .....	545
Sobre o valor da ociosidade .....	548
A floresta e as árvores .....	549
Crítica e cultura .....	551
A Verdade e a Vida .....	553
Sobre o não saber .....	554
Pequeno discurso sobre a hora extrema .....	557
Volta ao mesmo .....	560
Silva logificada de um reaccionário .....	562
Do reaccionário .....	564
Universalismo Falso e Autêntico .....	567
Filosofia e Pedagogia .....	569
Charlot e Luzes da Cidade .....	571
Charlot e Luzes da Cidade .....	576
Sobre o destino do homem .....	585
A árvore e o presépio .....	595
Do Prático e do Teórico .....	599
Poesia e Saber Poético .....	601
A Escola e a Vida .....	603
Resposta ao Inquérito sobre “Como Vivem os Intelectuais Portugueses em sua Relação com a Cultura Passada em Portugal?” .....	605
Sobre o cristianismo e a situação do homem .....	609
Que sentido atribuir à expressão “Filho do homem” que aparece na Bíblia? .....	611
Meditação Cristã .....	612
Morfologia Cultural .....	613
Pequeno discurso sobre morfologia cultural .....	615
Sobre Nacionalismo e Universalismo .....	619
Responsabilidade e Justiça .....	621
Sobre a Disciplina .....	623
Condição e Destino do Revoltado .....	626
Da Situação Ibérica .....	628

### Recensões e prefácios

Um livro sobre Heidegger .....	633
[Sobre <i>Ensaio de Metafísica Apocalíptica</i> de Berdiaeff] .....	634
[Sobre <i>Natureza e Formas da Simpatia</i> de Max Scheler] .....	639
Um livro sobre Lutero .....	645
Crítica a <i>S. Paulo</i> , de Daniel Rops .....	650
Prefácio a <i>Ecce Homo</i> de Nietzsche .....	659